

Mais sobre Tom Capri

A seguir, dois textos biográficos:

1 – A infância e a adolescência em Curitiba, junto aos irmãos Herson Capri, Zé e Beto.

2 – A passagem pela América e a cidadania estadunidense.

A infância e a adolescência em Curitiba

O que me levou a gostar de futebol e de cinema? A ser comentarista esportivo? Dormir pouco é coisa de velho, já me disseram. Nasci em outubro de 1948. Desde que completei 54, tenho dormido no máximo cinco horas por noite. Por isso, ainda é madrugada e já estou acordado. Diante do meu PC. Fria madrugada paulistana.

Estou afastado das redações desde 2001. Em janeiro daquele ano, deixei a *Bloomberg Television*, para a qual trabalhei como repórter em Manhattan, Nova York, por dois anos. Saí da Ilha alguns meses antes do atentado ao World Trade Center, o “11 de Setembro”. Morei por algum tempo ao lado das torres. Para ir ao trabalho, apanhava o trem do metrô na estação que ficava no subsolo do WTC, escapei da tragédia.

Uma nevasca de gigantescas proporções quase me impediu de deixar o país. Mas voltei para o Brasil. Foram, ao todo, dez anos de intensa luta pela sobrevivência nos Estados Unidos, para onde me havia empurrado o Plano Collor. Em meio à montagem de minha peça *Grande Motel* no Rio, Dr. Fernando das Alagoas me surpreende e bloqueia os recursos que seriam utilizados na produção. Estavam todos na Poupança. Eu, ainda por cima, em meio a dolorido divórcio do primeiro casamento. Depois, iria me divorciar de novo nos Estados Unidos, mas aí em inglês e em dólares.

Ninguém me tira da cabeça que a ação de Collor foi golpe bem arquitetado para favorecer o grande capital, especialmente o estrangeiro. De um dia para o outro, o capital nacional, especialmente aquele doméstico, de pequeno porte, como o meu e de amigos, ficou impedido de voar, ou seja, de ser reinvestido. Enquanto isso, as portas estavam escancaradas para os importados e o capital estrangeiro, que não fora bloqueado, evidentemente.

Minha empresa de assessoria de imprensa ficou inativa por seis meses por conta do Plano Collor; eu, sem ter como conseguir dinheiro nem para sobreviver. Como guardava alguns dólares no colchão, hábito em épocas de muita inflação, mandei-me, então, com um mamão na frente e outro atrás, e muitos abacaxis na bagagem, o maior deles como começar tudo de novo e sobreviver na América. Somava-se a isso a esperança de um dia poder colocar minhas peças e roteiros para o cinema no mercado norte-americano.

O máximo que consegui foi a cidadania americana e retornar com o rabo entre as pernas. Uma grande lição de vida que pouco compensou ao bolso. Trabalhei o tempo todo na América para pagar contas. Fui entregador de *pizza* e assessor de imprensa de empresa de informática em Miami, *front desk* de hotel e entregador de jornal na Califórnia, motorista de táxi em New Jersey, guia turístico e motorista de limusine em Manhattan. Como guia turístico, cansei-me de levar delegações para visitas ao World Trade Center. Devo ter subido ao topo da torre principal mais de 50 vezes.

Também editei tablóides brasileiros em Miami, cheguei a ter meu próprio jornal na cidade, o *Feijão c/ Arroz*, sucesso editorial e comercial, mas que por vários motivos, entre os quais meu divórcio nos Estados Unidos, durou apenas um ano e dois meses.

Depois de inúmeras tentativas para pôr de pé meus textos teatrais e fazer vingar roteiros para o cinema, desisti. Nesse período em que vivi nos Estados Unidos, jamais deixei de acompanhar meus clubes de coração e o futebol. Essa experiência de ser brasileiro fã da bola e morar no exterior é, no mínimo, fascinante. Quando cheguei, não existiam ainda os grandes portais. Depois, eles surgiram, e era eu quem não podia ter um PC. Então, tinha de acompanhar pelos jornais e pela tevê americana ou por telefone, recorrendo a amigos que tinham computadores e também acompanhavam.

Ter alegrias e sofrer por seu time lá fora é bem diferente. Acontece cada coisa! Por exemplo, cheguei aos Estados Unidos no começo dos anos 90. A saudade era tamanha, nos primeiros anos, que acabei torcendo até pelos clubes brasileiros rivais que faziam sucesso no exterior. Assim, eu, corintiano roxo, torci pelo São Paulo na conquista tanto do primeiro título mundial quanto do bi.

É verdade, recebi com enorme tristeza o fim da longa espera do Palmeiras por um título, conseguido graças ao apoio da Parmalat e de Wanderlei Luxemburgo. Em compensação, recebi com a alegria de adolescente que se apaixona pela primeira vez o *chega-para-lá* que o arqui-rival Atlético-PR deu no Paraná, ao impedi-lo de chegar ao Hexa do Campeonato Paranaense e igualar o recorde do meu querido Coxa. E delirei com as conquistas do Corinthians, Botafogo e Coxa nos anos 90, emoções difíceis de descrever quando vividas por quem mora fora do País.

Hoje, ganho meu dinheirinho com a modesta empresa de assessoria de imprensa que reabri em São Paulo, e que existe desde 1983. Ainda jogo futebol. Um *society* gostoso todas as quintas numa quadra da rua Vergueiro, em São Paulo, onde moro e trabalho. Como insisto em não usar lentes, já não enxergo direito a bola. Ela e os jogadores tornaram-se vultos enevoados que passam a jato pela minha frente. O corpo também não obedece como antes. Mas dá para levar.

A paixão pelo futebol é tanta que não desisto. O racha me deixa animado a semana inteira. Ultimamente, dores no peito. Não incomodam. Meu filho Max chegou a marcar, sem me falar, consulta no Incor, em São Paulo, com o Dr. Robson Tadeu Munhoz. Fui. Vou passar por uma série de exames.

Anteontem, uma quinta-feira meio chuvosa, foi dia triste para mim. Desfez-se o grupo do meu *society*. É a turma da espanhola Ética Software, empresa que abriu filial no Brasil há pouco mais de um ano. Mauro Porcaro, o Maurão, comanda o grupo, que aceitava gente de fora e me acolheu. A quadra ficou muito cara, não deu mais para bancar. A turma vai agora procurar outra, mais barata. Espero que ache.

Comecei a jogar bola com oito anos, no pátio do Internato Nossa Senhora Aparecida, ali no fim da rua Vicente Machado, em Curitiba, minha cidade natal. Estávamos em 57, ano do lançamento do Sputnik, o primeiro satélite artificial enviado pelo homem ao espaço.

Lembro-me como se fosse hoje. Nem tinha como esquecer. O feito dos soviéticos, em 4 de outubro, foi assunto para o resto do ano. Filho de pais desquitados obrigados a deixar Curitiba tão logo se separaram, eu e meu irmão, o ator Herson Capri, três anos mais novo, e um irmão de criação, José Carlos ou só Zé, fomos parar em alguns internatos do Paraná quase por decisão judicial.

Comunista filiado ao Partidão (o velho PCB) e muito perseguido desde o segundo governo de Getúlio Vargas, meu pai, Jahyr Freire, era sempre transferido para longe, pelo Banco do Brasil, apesar de funcionário exemplar. Uma vez, já de braços dados com minha mãe preta, Francisca, que terminou de nos criar, o velho foi parar em Bragança, interior do Pará. Não foi de todo ruim. A

transferência nos rendeu uma viagem de um mês de barco por todo o rio Amazonas, numa férias de verão, nos anos 60.

O velho, sempre longe, com aquele problema dele na perna esquerda (poliomielite aguda na tenra infância, o que o obrigava a andar com aparelhos e bengala), não tinha, contudo, como cuidar da gente, por causa dessas transferências, verdadeiros exílios políticos. Cada um foi pro seu lado. Minha mãe, Yole Capri, teve de recomeçar a vida. Mudou-se para São Paulo. Como cuidariam de nós?

A Justiça decidiu, então, que ficaríamos sob a guarda de meus avós paternos: José Áureo Freire, descendente, dizia ele, de portugueses quinhentões, e a polaca Edvigés Ogibowski Freire, só Viga. Já velhos, meus avós não tinham mais paciência para educar os netos. E, então, nos internaram em colégios de freiras de Curitiba, verdadeiras prisões de uma monotonia difícil de driblar.

Era uma época sem televisão, que chegou tarde a Curitiba. E no colégio não havia rádio. Solidão ardendo no peito, saudade maior ainda. Por isso, não tinha preço aquele pouco que nos contentava e que amávamos incondicionalmente no internato: os piões, as coleções de gibis, bolas de gude, os álbuns de figurinhas de jogadores, principalmente as Balas Zequinha, que a gente perdia ou ganhava no bafo ou no tique, jogos ainda muito praticados pela molecada.

O bafo é cruel, jogo de azar mesmo, para quem tem as mãos pequenas. As figurinhas são colocadas de cabeça para baixo em cima das do adversário, formando um montinho. Em seguida, com a mão aconchada, bate-se sobre o montinho, tentando fazer com que as figurinhas virem de cabeça para cima. As que virarem ficam com aquele que bateu, que é o ganhador.

Jogado com moeda, argolinha ou arruela, o jogo de tique tem esse nome devido ao barulhinho que a moeda faz – o jogo consiste em arremeter a moeda de viés no poste ou parede. Ganha uma figurinha aquele que fizer sua moeda cair no chão mais perto da do adversário. Se a moeda cair em cima ou ficar com uma parte pendurada na moeda do oponente, o autor do feito ganha dez figurinhas ou uma difícil.

As Balas Zequinha iam de um a 200 e eram muito cobiçadas, especialmente as mais difíceis, a de número um e a de número 200, muitas vezes disputadas a tapa. Todas estampavam Zequinha fazendo alguma coisa ou exercendo uma profissão. A mais difícil, na verdade, era a número um, “Zequinha na Banheira”, em que Zequinha aparecia na hora do banho imerso numa banheira. Na mão, uma escova para limpar as costas.

Quando não era isso, era ver quem subia mais rápido e ia mais longe nos altos cedros que ficavam em linha numa das laterais do pátio interno, onde jogávamos futebol. Até que um dia um garoto caiu do alto e morreu. Dali em diante, ficou proibido subir nos cedros.

Todos os dias, Missa obrigatória às seis da manhã na capela do colégio para os poucos internos, uns 20 alunos. O colégio, particular e pago, era semi-internato também para a maioria dos alunos, uns cem que freqüentavam as aulas só pela manhã, saídos da classe média curitibana.

Em alguns momentos, durante a Missa diária, tínhamos de acompanhar as freiras naquele gesto de erguer os braços para o Céu e dizer alto: “Perdão, perdão, divino coração!”. Nenhum de nós tinha mais de dez anos, e já desrespeitávamos a ordem. Em coro, em vez do “perdão”, soltávamos um solene “Peidão, peidão, divino coração!”. As freiras nunca percebiam.

Eu já vinha de dois internatos. No primeiro deles, em frente ao campo do Atlético-PR, a gente urinava à noite em penicos e volta e meia estava fazendo guerra no dormitório com o conteúdo, um jogando urina no outro. Às vezes apanhados, ficávamos de castigo ajoelhados por horas em cima de grãos de milho que a gente sempre dava um jeito de afastar, porque doía muito. Foi também o primeiro colégio de Herson, que, com três anos, era o mais atingido pelo conteúdo

dos penicos, sob meu olhar de cumplicidade. Nessa época, Herson e eu vivíamos com as pernas cheias de feridas, carência de vitaminas e sais minerais, creio.

Depois, mudaram-me para um colégio distante, em Orleans, pequena colônia de franceses, italianos, alemães e poloneses que fica na saída da rodovia que vai de Curitiba a Ponta Grossa, cidade natal de meu pai. Herson não passou por lá. Naquele colégio, éramos apenas 12 internos. A casa principal, de madeira. O dormitório ficava no sótão. Da janela, avistávamos o cemitério ao lado do internato, a alguns metros da casa.

Do lado do cemitério, a igreja de Orleans e o imenso pomar dos padres, onde se destacavam, deliciosas, as pêras e os caquis. Sim, sempre que podíamos roubávamos, mas era uma proeza. Volta e meia os padres soltavam um cachorro em cima de nós. Espertos, pulávamos o muro rapidinho, fugindo das mordidas, mas era assustador.

Minhas tarefas nesse colégio: ordenhar vacas bem cedinho, junto com outros internos; fazer broa; e colher pinhão na temporada (aprendi nessa época a subir em pinheiro). Como vivíamos soltos e podíamos ir ao bosque que ficava em frente ao colégio, lá colhíamos os pinhões durante o inverno. E muitas vezes os comíamos crus, para matar a fome. Se atravessássemos o bosque, íamos parar numa vendinha, onde roubávamos pão francês grande. Nesses dias, fazíamos a festa.

Às seis da manhã e às seis da tarde, eu era encarregado de bater o sino da Igreja. Não me lembro por que esses horários. À tarde, pode ser pela hora da Ave Maria. Também batia o sino nos casamentos, batizados, enterros etc. Havia um número certo de batidas para cada ocasião, não me lembro agora qual. Eu chegava correndo e me atirava na corda para poder fazer o sino dobrar rapidamente. Era craque, e os padres elogiavam aqueles que sabiam fazer os sinos dobrarem.

Eu fora encarregado também de arrumar, nos pequenos caixões, os bebês que eram enterrados no cemitério do colégio. A experiência me traumatizou. Eu tinha de acertar a roupa acetinada do bebê, revirada com o movimento do caixão, no transporte para o cemitério. Guardo até hoje na memória a expressão da morte estampada nos rostos e nos olhos semicerrados daqueles bebês. Ainda não entro em cemitério à noite nem amarrado. Já superei o medo de ver morto em caixão e de entrar de dia em cemitério, mas até bem pouco tempo atrás sofria muito quando ia a um velório ou a um enterro.

Acho que nasceu de toda essa experiência da infância o jornalista ateu apaixonado por cinema, teatro e futebol. O mesmo que, 11 anos depois, em 1º de junho de 1968, estrearia como repórter da seção de Artes d'*O Estado de S. Paulo* e dois meses mais tarde saltaria dela para uma carreira com mais baixos que altos, muitas vezes melancólica, de cronista esportivo.

Foram oito anos de seção de Esportes, primeiro como repórter, depois como *copy*, subeditor e, por pouco tempo, editor. O suficiente para me credenciar a escrever este livro sobre a Copa do Mundo e apontar a nossa crônica esportiva como a grande responsável pelo fiasco do Brasil na Alemanha.

Administrados por freiras ucranianas, o Internato Nossa Senhora Aparecida, o último que frequentei, também abrigava à época quatro órfãos. Em troca dos cuidados recebidos, os quatro agradeciam limpando o chão, os banheiros e todo o pátio, que durante um bom tempo fora de terra batida. Foi nele que aprendi a jogar bola na lama e embaixo de chuva, até o pátio ser transformado em quadra de cimento.

A limpeza era realizada nas manhãs de sábado. Dela não escapava nenhum dos internos – sob o olhar atento de dois dos órfãos mais velhos, Ari Branquelo e Espeto –, obrigados a permanecer no colégio no fim de semana, portanto, eu e Herson. Cansei de limpar banheiro e privada entupida, com sujeira acumulada de toda a semana.

O órfão mais velho era um crioulo alto e forte demais para a idade. Chamava-se Reginaldo. Era do interior, ele mesmo dizia que seu nome era “Reginaldo”, daí o apelido de Negonardo. Tinha

problemas mentais. Não era agressivo. O mais novo dos órfãos era Paulinho, talvez uns cinco anos. De novo, problemas mentais. Meio gordinho e molengo. As irmãs forçavam os dois a participar da limpeza.

A imagem que guardo de Negonardo e Paulinho é de vassoura na mão, limpando o chão do corredor que dava para o pátio onde brincávamos e jogávamos bola. Ou de Paulinho sendo puxado e quase carregado pelos braços por Ari e Espeto. E dando voltas desse jeito pelo pátio, sob o olhar das freiras, que dessa maneira o ensinavam a correr. De vez em quando, os pés de Paulinho batiam no chão, durante a corrida, e aí ele ria com gosto, sem consciência do que estavam fazendo com ele. Muito pequeno ainda, de três para quatro anos, Herson andou sendo submetido a essas mesmas sessões de tortura. Dos irmãos, foi quem mais sofreu nos internatos.

Herson ainda sujava as calças quando chegou ao colégio. Eram calças curtas, muitas vezes tudo escorria pelas pernas. E secava. Ele ficava horas daquele jeito, sem se limpar, até aparecer alguém para levá-lo ao banheiro sujo do colégio, onde tinha de se lavar sozinho, na água fria daqueles invernos colossais de Curitiba. Muitas vezes, com o chão inundado de água e urina saídos de vasos sanitários entupidos.

Tinha, por isso, o apelido de Cagão, pelo que era gozado por todos. Até hoje, não sei como Herson sobreviveu àquilo tudo. Ficou bem menos tempo que eu no colégio, mas o suficiente para enlouquecer, com a idade que tinha. Eu havia chegado mais velho, aos seis, já com uma certa noção das coisas e meio que preparado para suportar o rojão.

Hoje, Herson é, por tudo que passou e soube superar, o meu herói. Tenho certeza de que somos, os três irmãos, sobreviventes. E de que aqueles momentos de privação só nos fortaleceram e são os grandes responsáveis pelo que somos hoje: eu, jornalista e sociólogo, Herson, ator conceituado, e Zé, funcionário graduado aposentado do Tribunal de Contas da União.

Depois dessa fase nos internatos, acabamos os três indo morar com meu pai. Foi quando Zé e Herson, este apelidado de Carequinha, começaram a jogar bola. Para economizar nas despesas com o barbeiro, o velho mandava raspar a cabeça dele. Aos poucos, Herson foi tomando ódio daquilo, até não suportar mais. Quando veio a moda dos cabelos compridos, que lancei em Curitiba, ele aderiu a ela, já adolescente, como se aquilo fosse sua salvação.

Fui o primeiro *hippie* de Curitiba. Nos anos 60, perambulava pela cidade como seu mais novo personagem folclórico. No que competia com Maria do Cavaquinho, a louca do Centro. Lenço na cabeça, ela freqüentava as ruas principais à noite. Cavaco na mão, estava sempre pronta para correr em direção às pernas de quem passava, bater com o pedaço de pau sem machucar e depois sair correndo, dando longas gargalhadas.

Em 64, com 15 anos, eu já freqüentava a madrugada da cidade sob vaias. Usava paletós enormes, geralmente de meu pai, e longos cachecóis que às vezes se arrastavam pelo chão e ficavam sujos. Óculos de hastes amarelas de plástico à Michael Polnareff, o cantor francês, e os cabelos maiores que os de Ronnie Von, que apareceu depois, eu desfilava pela noite sob xingamentos do curitibano, na época a população mais careta do Brasil. Na época, brincávamos entre nós, dizendo que “ritiba”, de Curitiba, significava “do mundo” em tupi-guarani.

Uma vez, fomos eu e aquele meu cabelão, com amigos, ao imenso cine São João, uns mil lugares. Sessão das dez da noite de sábado. O filme, *Vale das Bonecas*, estrelado por Sharon Tate, na época mulher de Roman Polanski e que acabaria depois assassinada na residência do casal, na Califórnia, por um grupo de pessoas ligadas ao suposto mandante do crime, Charles Mason. Sharon Tate era uma de minhas paixões.

Entro no cinema, lotado, e logo ouço um primeiro assobio, daqueles cafonas com que eram galanteadas as mulheres na rua, nos anos 50 e que hoje não é mais cafona. Em seguida, outro

assobio. Depois, outro. De repente, o cinema inteiro assobiava num unísono saído das entranhas da provinciana Curitiba. Os amigos sentaram-se e guardaram o lugar para mim.

Dirigi-me para a frente da platéia e ali, embaixo da tela, levantei os braços e comecei a reger aquela orquestra, gritando: “Alegria! Alegria!”, palavras extraídas do título da canção de Caetano Veloso, o maior sucesso da época.

Os assobios logo viraram um coro de “bicha, bicha”, que eu continuei a reger de onde estava. As luzes foram se apagando, a sessão começou, a platéia silenciou. Muito provavelmente, alguém da projeção acionara o aparelho imaginando que o “bicha, bicha” e as vaias eram para o encarregado da projeção, atrasado em começar a sessão. Sentei-me apressadamente, não tive mais problemas.

Os cabelos grandes, evidentemente, vinham de uma enorme necessidade de auto-afirmação, típica da criança que é abandonada e vê sua auto-estima diluir-se perigosamente. Com aquele cabelão, eu era alguém, ao menos era notado. Falavam mal, mas falavam de mim. Já para Herson eles foram mesmo um bálsamo.

Desatento a tudo, eu pouco fazia pelos meus irmãos no colégio. Nem podia. Ajudava de vez em quando, mas a maior parte do tempo estava distante, em outras bandas, indiferente ao sofrimento deles, lutando com unhas e dentes pela minha sobrevivência.

Um dos órfãos mais velhos do internato, Ari Branquelo, era assim chamado porque descendia de alemães. Espeto, um crioulinho esperto que lembrava Robinho, recebera o apelido porque havia perdido a metade do indicador da mão direita, o que acabou por transformar a outra metade num incomodo espeto, arma que usava nas brigas com os demais internos.

Foi vendo Ari e Espeto jogarem no pátio do colégio que me encantei pelo futebol. Por que os órfãos e os mais pobres são geralmente os melhores? Mas não foi só por isso. Na verdade, meu interesse pelo futebol teve raízes profundas e nobres, vindas de razões bem mais concretas.

Aos domingos, a Missa para os internos do colégio era na Igreja mais próxima. De longe, se tornou nosso programa mais animador. Não por causa da celebração em si, mas porque, ao lado da igreja, havia o cinema dos padres. Projeção em 16 mm.

Terminada a Missa, corríamos para a matinada do pequeno salão. Na entrada, uma mesa com bolos, bolachas, sucos, refrigerantes, café com leite. Como não comíamos direito no colégio, matávamos no cinema da igreja, cobertos de vergonha, a fome da semana. Em seguida, acomodávamo-nos para ver o filme.

Inicialmente, um seriado obrigatório. Capítulos que iam de Flash Gordon, Tom Mix, Hopalong Cassidy, Johnny McBrowne ao Cavaleiro Negro. No fim do capítulo, o mocinho morreria sempre de alguma forma, às vezes amarrado pelo bandido numa mesa e cortado ao meio por uma serra. Ficávamos aliviados no domingo seguinte, ao ver que sempre encontrava um jeito de escapar.

Depois, vinha o filme, geralmente religioso ou água-com-açúcar. Como se pode ver, também tive meu *Cinema Paradiso*, o filme famoso de Giuseppe Tornatore. A diferença é que nunca pude aprender a operar o projetor como o menino Totó da fita. Essa doce experiência, matinada um domingo sim, outro não, foi responsável por despertar em mim a paixão que tenho pelo cinema. Cineasta frustrado, tenho cinco roteiros que espero ver um dia nas telas, alguns originais, outros adaptações de peças teatrais e romances.

O teatro também entrou na minha vida por essa mesma via. Minhas primeiras falas foram em latim. Eu havia me tornado coroinha daquelas Missas de domingo, exigência dos padres. Lembro-me até hoje de que, quando o padre fazia uma evocação na Missa, todos na igreja tinham de acrescentar algo em voz alta, inclusive o coroinha. Lembro-me até hoje de uma.

O padre dizia: “Dominus vobiscum!” (“Deus esteja convosco”, hoje mal traduzido como “Deus está no meio de nós!” – há até uma discussão a respeito, porque alguns acham que o correto seria dizer “Deus está entre nós!”, e que dizer “Deus está no meio de nós” deixa a impressão de que fomos rachados ao meio e Deus entrou por ali para não sair nunca mais).

E eu respondia, em coro com todos os fiéis: “Et cum spiritu tuo!” (“E com teu espírito”).

Só vim a conhecer o significado daquelas palavras em latim anos mais tarde, quando estudei a língua no colegial, na época parte do currículo escolar, ao lado do francês e do inglês. Ali, ajoelhado em frente ao altar, sentia-me ator fazendo o mocinho daqueles seriados que via no cineminha dos padres, no salão ao lado.

Assim que terminei o colegial, pus-me a escrever peças de teatro. Uma delas, de 81, foi *Grande Motel*, que também produzi e dirigi. Além de ter-se tornado um dos maiores sucessos de público dos anos 80, deu-me o Prêmio Mambembe de Autor Revelação, conferido pelo então Ministério da Educação e Cultura (MEC). Recebi a estatueta das mãos do diretor Flávio Rangel e da atriz Esther Góes, guardo até hoje as fotos da cerimônia de entrega. Atualmente, tenho 12 textos originais para o teatro, dois dos quais já levados ao palco.

O cinema era, sem dúvida, a maior diversão e passatempo dos internos, mas não a única nem a melhor. Havia outra, tão boa quanto: o futebol, jogado no pátio interno, geralmente nas tardes de sábado e domingo.

Hoje tenho certeza de que o cinema e o futebol foram os pais e os amigos que não tive naqueles tempos de internato: me acolheram, deram carinho, educaram, ensinaram a ser gente. Foram – principalmente o teatro, que veio depois – a força que me permitiu manter a auto-estima em níveis minimamente razoáveis. Por isso, não os abandono nunca.

Só tínhamos um fim de semana sim e outro não para receber visitas ou ser apanhados no colégio para ficar com a família. Como meus pais estavam distantes, só uma tia minha do lado italiano da família, Lida, irmã de minha mãe, ia me buscar, quando podia.

No começo, meus pais também iam me buscar, algumas vezes. De repente, começaram a falhar, até pararem, quando então vim a saber que não moravam mais na cidade. Foram meus momentos mais difíceis no colégio.

Os internos acordavam bem cedo, ainda de madrugada, nos dias de semana. Iam à Missa diária das seis na capela e depois ao refeitório, para o café da manhã: uma xícara de café preto e um pedaço razoável de broa caseira. Era uma briga para sentar onde havia fatia de ponta de broa, sempre maior e mais saborosa.

Passávamos fome no colégio. A alimentação era sempre insuficiente e só tínhamos três refeições ao dia: o café da manhã, o almoço e o jantar. Às oito horas, cama. Por causa disso, fazíamos buracos na cerca para roubar coisas da horta. Havia nela os trevos e as folhas azedinhas, que comíamos com voracidade, e a batata-doce, que aprendemos a devorar crua. Nem lavávamos. Limpávamos na roupa e mandávamos bala.

Disputávamos também a estufa de banana. Sabíamos que o interno a quem coubesse a tarefa de supervisioná-la podia dispor de alimentação extra. Cuidei da estufa por um curto período, porque as irmãs revezavam os alunos, e ali aprendi a comer até casca de banana madura. Não só a comer, mas a me deliciar com a gloseima natural.

Quando havia laranja na sobremesa, roíamos aquela parte branca até a casca se desfazer nas mãos. E estávamos sempre promovendo guerras com casca de laranja ou mexerica (mimosa, no Paraná). Espremíamos na frente dos olhos do adversário para que ardessem. Uma vez, vi um menino desmaiar com os socos que tomou numa briga em que se envolvera por ter espremido casca

de mimosa no olho de outro. Socorrido pelas irmãs, era sempre gozado depois pelos demais, por não ter segurado o rojão na briga.

Não era à-toa que estávamos sempre fugindo do colégio. Eu dava um jeito de pular a cerca, depois o muro e ir a pé para a casa dos meus avós, a uns sete quilômetros do colégio. Não tinha muita valia. Era bem recebido, mas imediatamente devolvido ao colégio.

Depois da Missa de sábado e do café da manhã, eu subia ao dormitório, apanhava a minha roupa de visita e a vestia. Era um terno azul-marinho, calça curta, meias brancas, sapato marrom, camisa branca, gravatinha borboleta azul escuro. Descia para o corredor interno e me sentava no último banco, o da ponta, de onde podia avistar a rua por onde chegaria, de ônibus ou a pé, quem viria me apanhar para o fim de semana.

Sentava-me no banco do corredor por volta das sete da manhã e lá ficava. Normalmente, ficava uma hora, às vezes até duas, à espera de alguém para me levar. Era um tal de levantar do banco a todo momento, ir até a parte do corredor que dava para a rua, avistar, depois voltar ao banco e sentar-me novamente, ansioso, angustiado. Um ritual repetido inúmeras vezes, até alguém chegar e me apanhar.

Quando as visitas de meus pais começaram a escassear, eu ficava esperando ali no corredor até três ou quatro da tarde, e nada de alguém aparecer. A irmã vinha e me pedia para trocar de roupa, garantindo que não viria mais ninguém. Eu resistia, na esperança de ser apanhado nem que fosse no final do dia. Aí, lá pelas três ou quatro da tarde, a angústia e a ansiedade já transformadas em tristeza, lá ia eu de volta para o dormitório. Guardava o terno e voltava para o pátio, onde os internos geralmente estavam brincando ou jogando bola.

No início, não gostava de futebol. Só ficava olhando, ali à espera, sentado no banco, naqueles sábados tristes. Era um garoto tímido, evitava participar de qualquer coisa em que houvesse muita gente. Morria de vergonha, por exemplo, de dançar ou pular em baile de Carnaval. Ali, entretanto, esperando pelos meus pais que não chegavam, naqueles começos de tardes de sábado, a única distração era ver os meninos baterem bola no pátio em frente ao corredor. Fui começando a entender e a gostar. Até que um dia – ninguém tinha vindo para me apanhar –, eram umas quatro da tarde já, guardei o terno no guarda-roupa, voltei para o pátio e, solicitado, entrei num time. Eu era muito ruim de bola, duro, mas fui pegando o jeito rapidamente, até me apaixonar de vez.

Minha tia Lida também falhava nas visitas de vez em quando, mas nunca no meu aniversário. Dóli, sua filha mais velha, quatro anos menos que eu e já falecida, fazia aniversário em quatro de outubro, justamente o dia do lançamento do Sputnik, naquele ano de 57. O satélite não seria só o assunto daquele dia, mas do restante do ano, como já lembrei aqui. Quando chegava a noite, a gente ia ao pátio do colégio para tentar avistá-lo. Diziam, na época – e nunca soube se era verdade –, que emitia uma luz, durante sua órbita pela Terra, o que tornava possível vê-lo à noite. Nunca encontramos nada no céu de Curitiba.

Eu sou de seis de outubro, dois dias depois do aniversário da prima Dóli. Tia Lida havia me apanhado no colégio para eu comemorar aquele aniversário junto com eles e a prima. Era sempre uma festa para os dois. E algo difícil de descrever. Além da fartura, os bolos, tortas, doces e salgadinhos saíam das mãos divinas e milagrosas de minha avó Hermínia, que morava com tia Lida e o marido, tio Dorizon.

Filha de milaneses, a *nona* era imbatível na cozinha. Já viúva do *nono* Angelo Capri, que havia chegado ao Brasil por acaso, num naufrágio, Hermínia, além do mais, exagerava em tudo. Na casa de tia Lida, onde ela, viúva, morou até morrer, faziam-se seis refeições ao dia: o café da manhã, uma vasta mesa colonial, o lanche das 10 da manhã, o almoço, mais um lanche às três da

tarde, um lauto jantar regado a café com leite e, finalmente, o lanche das 11 da noite, outra mesa colonial. Nada mal para quem não tinha o que comer no colégio.

Minha mãe e tia Lida são filhas legítimas de um naufrágio, eu, neto. O navio que trazia meu avô Angelo com a mulher e quatro filhos, o *Príncipe das Astúrias*, naufragou repentinamente em São Sebastião numa noite de Carnaval. Ano de 1916. A família vinha para se encontrar com o filho mais velho, José, e depois seguir viagem para Santo Domingo, República Dominicana, onde meu avô, engenheiro químico de Verona, pretendia se radicar.

Um choque com rochedos levou o navio a tombar e a afundar em questão de minutos. *Nono* Angelo pôs um menino nas costas e nadou até a praia, onde encontrou seu filho Renato, o único sobrevivente dos três filhos que estavam no navio. O menino que levava nas costas era argentino. Durante anos, até recentemente, a família dele ainda andou se comunicando por carta com tia Lida. José, Renato e *nono* Angelo andaram carregando dormentes em estrada de ferro, depois do naufrágio, até constituírem família em Palmeira e Ponta Grossa, no Paraná. *Nono* Angelo foi um dos primeiros a lançar o refrigerante gasoso no Estado e está entre os criadores da gasosa, bebida muito popular no Sul.

Nono Angelo chegou a produzir vinhos e licores também, com o que comprou uma fazenda em Palmeira e virou criador. Um enfarte o matou aos 63, no final dos anos 30. Minha mãe, então filha caçula desse segundo casamento com minha avó, tinha apenas seis anos. A *nona* Hermínia, estilista de primeira – ficaram famosos no Paraná os vestidos de noiva que desenhava e fazia –, acabou de criar os cinco dos sete filhos que tiveram (Napoleão, o mais velho, morreu de crupe com um ano e meio, e Dóli, a filha mais velha, de nefrite, aos 18, depois que vô Angelo já havia morrido).

Conto toda essa história porque ela tem muito que ver com minha paixão pelo futebol e com o fato de eu ter-me tornado cronista esportivo. Era costume na época, ninguém que gostasse de futebol no Paraná escapava. Fora do eixo Rio-São Paulo, todos os de minha geração torciam e torcem até hoje por um time de sua cidade, no caso, Curitiba, e por um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro, que na minha infância ainda era a Capital brasileira. E com o mesmo fanatismo e amor à camisa tanto por um quanto por outro clube.

Fiz minhas três opções naqueles meus tempos de internato. Na hora de escolher o time – exigência da piada da bola, do contrário você não joga –, decidi logo pelo Corinthians de Luizinho, que havia ganhado em 54 o título paulista do IV Centenário da cidade. Do Rio, escolhi o Botafogo de Nilton Santos, Didi e Garrincha, que seria campeão carioca daquele 57, comandado pelo célebre João “Sem Medo” Saldanha, que dos 9 aos 14 anos morou em Curitiba (1926 a 1931).

E, de minha cidade natal, abracei sem pestanejar o Coritiba, meu querido Coxa, na época, disparado, o melhor da cidade. Ao menos, o Coxa tinha muito mais títulos paranaenses que o nosso arqui-rival, o Atlético-PR, hoje conhecido como Furacão. O nome “Coxa” vem do apelido dado aos primeiros jogadores do Coritiba, fundado em 1909. Alemães, tinham as coxas brancas e os pêlos alourados, daí serem chamados de “coxas-brancas”. O nome ficou. Hoje, quem torce pelo Coritiba é “coxa-branca” ou torcedor do “Coxa”.

Herson seguiu meus passos e também é até hoje torcedor do Corinthians, Botafogo e Coritiba. Seis anos depois, com 14 anos, eu já era titular do infante-juvenil do Coritiba. Eu e meu vizinho e amigo de bairro, o premiado contista e poeta Rui Werneck de Capistrano. Eu como lateral-esquerdo. Eram os tempos do técnico Janguinho. Na verdade, eu já era um ala ao estilo de Zagallo.

Apenas dois meses mais velho que eu, Werneck também ainda joga em Curitiba. De vez em quando, visito a cidade e matamos a saudade num *society* amigo. Foi em frente à minha casa de madeira, num terreno baldio limpo por nós com o maior carinho na rua Dr. Faivre, ali perto do

estádio do Coxa e do Hospital de Clínicas, que eu e Werneck aprimoramos nosso futebol. O suficiente para sermos descobertos e chamados pelo infante-juvenil do Coxa.

Nunca fui um Pelé ou um Ronaldinho Gaúcho. Desenvolvi aos poucos um futebol até que convincente e parecido com o de Falcão, como eu sempre achei que deve ser um jogador moderno – evidentemente, sem as qualidades e as virtudes técnicas do craque gaúcho. Ou seja, sou polivalente, espécie de jogador em que se escora o futebol moderno. Se tivesse continuado a carreira, encerrada naquela época, de lateral do Coxa (só voltei a jogar já velho), eu poderia ter resultado em alguma coisa parecida com o argentino Sorín, o chileno Maldonado ou os brasileiros Edu, ex-Arsenal e Corinthians, e Zé Roberto, o da Seleção. Estes estão entre os jogadores que mais admiro e elogio hoje.

Meu maior ídolo no futebol não é Pelé, nem Maradona ou Ronaldinho Gaúcho. É, já disse aqui, o polivalente Falcão, craque brasileiro dos anos 80. Pelé, Maradona e Ronaldinho Gaúcho são gênios da bola. Sou fã dos três. Mas, para mim, Falcão é o maior de todos os tempos. Um modelo exemplar de polivalente. Marcava e desarmava como poucos, armava muito bem e fazia gols, principalmente com chutes de longa distância. Quando em campo, valia por três. No item “ajudar o time”, que é o que mais importa hoje, foi o maior da história do futebol.

Tenho uma certa restrição ao trabalho de Wanderlei Luxemburgo. Ele é outro que também insiste, como a maioria dos técnicos brasileiros, inclusive Felipão, em jogar com um centroavante matador especialista e limitado “parado” lá na frente. Mas o respeito muito: pode ver que, no time de Luxa, sempre há um polivalente, quando não dois ou três, como Sorín e Maldonado. Luxa ganha títulos porque adota esse princípio em seus times. Quando não chama o polivalente, exige que seu jogador aja como polivalente.

Sei desarmar e armar, e também atacar e fazer gols. Ou seja, sei fazer tudo, ainda que com qualidade duvidosa, isto é, sem o domínio de bola e a perfeição de um Pelé, por exemplo. Até já joguei no gol. Pulsos estourados por conta disso. Mas os gols saem, de bicicleta, cabeça, chutes de longa distância, alguns de placa.

Maiores defeitos no futebol: não saber fazer nada com perfeição, nenhuma força no chute. Além disso, reclamar demais e irritar os companheiros. Em campo, sou como Felipão no banco dirigindo o time ou Dunga no meio-campo: muitos gritos, muita adrenalina. Às vezes, um descontrole emocional perturbador, bem ao estilo de João Saldanha. Apelidos: Macarrão, por ser magro e alto, e Ponta-de-Pé, por andar e jogar bola correndo na ponta dos pés. Ambos dados por um amigo de bairro, Ronald, já falecido. No futebol, só Everton, meu nome.

Maiores qualidades: saber roubar a bola sem fazer falta; deslocamentos constantes e boa presença em todos os lugares do campo, principalmente na área, para receber a bola livre e fazer gol. Aprendi a fazer o *overlapping* e a buscar o *ponto futuro* antes mesmo de Cláudio Coutinho tê-los inventado. A agilidade e a velocidade foram perdidas com a idade. Ou seja, sei fazer tudo em campo, mas nada muito bem. Daí que me dei melhor como comentarista esportivo, o que também não quer dizer que tenha sido bom nisso.

Eram os doces anos 60. Estudantes, íamos pela manhã ao enorme Colégio Estadual do Paraná (duas piscinas, uma olímpica, e até um estádio de futebol). À tarde, jogávamos no *Campinho da Véia*, a quadra improvisada no terreno baldio em frente de casa. A quadra de terra ficava espremida entre um muro e uma parede. Por uns dois anos, não houve dia em que não jogamos ali.

Do lado direito do terreno, ficava o sobrado da família Pinheiro Lima. Gente fina, todos gordinhos, homens e mulheres, fãs do futebol. A lateral da casa servia de parede para o terreno baldio, razão pela qual a bola eventualmente caía no quintal da sua casa.

Ernesto Pinheiro Lima, um dos filhos do casal, tornou-se logo o melhor goleiro do bairro, posição que disputava com Arnaldo. Um dos sobrinhos de Ernesto, garotinho de dois a três anos, vivia atrapalhando nossas peladas. Dava vontade de amarrar o piá, para deixar de perturbar. Quando perguntado, dizia sempre que se chamava “Pirilima”. Desde então, a família de Ernesto ficou conhecida no bairro por “Pirilima”, e é assim chamada até hoje.

Do lado esquerdo do terreno, o muro da casa de um mantegueiro. A mulher, rabugenta, costumava não devolver a bola quando caía em seu quintal. Dela veio o nome de *Campinho da Véia*. A história do terreno já mereceu crônicas, inclusive de Werneck, e até livro no Paraná.

Aprendi muito vendo Werneck jogar. Futebol elegante, de longas passadas. Canhoto. Um poeta da bola, também. O futebol dos canhotos sempre me fascinou. Quando via um, parava para admirar. Foi olhando Werneck jogar que decidi aprender a chutar com a esquerda. Ficava treinando no paredão (os muros do mundo) sempre que podia. Hoje, bato até falta e pênalti com os dois pés.

Para todos os que ali jogavam, as partidas no *Campinho da Véia* foram um grande aprendizado. Com Gamaliel, o Gambu ou Maculan, apelidos, fiz minhas primeiras tabelinhas. Assim que aprendemos, passamos a arrasar no terreno baldio. Augustinho batia falta com precisão, e forte, eu queria chutar daquele jeito. Treinei muito, nunca aprendi. A pontaria ainda é razoável, mas a força do chute...

E havia também Lelinho, Ronald, Giu, Arnaldo, Oda, Cebrão, Ciso, Nando, Luiz Antônio, Adalton, Juba, os meus *brothers* Zé e Carequinha (Herson), alguns já falecidos. Todos com algo para ensinar, até mesmo da própria ruindade: com os grossos, aprendíamos o que não devíamos fazer com a bola.

Quando a turma se juntava, não perdia a oportunidade para entoar o grito de guerra que havia aprendido não sei de quem, uma versão ousada e sarcástica do *For He's a Jolly Good Fellow*, com a seguinte letra:

*Cidade filha da puta,
cidade em que eu me fodi,
se é que o mundo tem cuúúúú,
o cu do mundo tá aqui!
Quando daqui for embora,
saudades hei de levar
dessa turma muito batutáááá.
Cambada de filhos da puta!
Cambada de filhos da puta!
Cambada de filhos da puta!*

Aprendi a driblar não no *Campinho da Véia*, mas na hora do recreio do Colégio Estadual. Vinte e cinco minutos de rachinha nas quadras abertas de vôlei e basquete, com bola de meia e, às vezes, pedra, tampinha de refrigerante e até pedaço de madeira. Foi ali que aprendi: quem joga futebol guarda para sempre na memória seus melhores momentos, e os piores também. Os grandes lances, os dribles bem dados, as comemorações de gols, as jogadas mágicas que arremessam nossa auto-estima lá para o alto. Igualmente, a bola que entrou pelas canetas, o chapéu levado. Volta e meia, esse cineminha passa na mente da gente, para alegrar ou entristecer a gosto.

E havia entre nós um moleque endiabrado, baixinho e magro que nem um condenado: Luiz Carlos Gusso, ou só Gusso. Um gênio. Não fosse baixo daquele jeito, teria sido um Rivelino melhorado, um Maradona turbinado. Eu via Gusso driblar quatro ou cinco e fazer gol de placa e

queria imitar. Fechava-me no quarto de casa e ensaiava os dribles dele sem parar, deixando *nhá* Francisca, minha segunda mãe, de cabelos em pé.

Muitos daqueles dribles secos dele ainda dou hoje, com sucesso. Perdi Gusso de vista naquela época, há uns 45 anos. Outro dia, descobri casualmente que um filho dele, Luiz André, joga *society* comigo em São Paulo. Outro craque. Gusso estabeleceu-se há muitos anos em São Paulo, onde montou escritório de engenharia e teve filhos bons de bola como Luiz André.

O bairro ao redor do *Campinho da Véia* formou, além do poeta Werneck, vencedor do Concurso de Contos do Paraná, outras duas celebridades: a carioca Ângela Tereza Pereira Reis Neto Vasconcelos, *Miss Paraná* e *Miss Brasil* de 64, aos 19 anos, e o ator e *brother* Herson Capri. Ângela Vasconcelos morava na rua de cima, a dois quarteirões da minha casa da Dr. Faivre. Dizem que, por causa de seu penteado (que acabou virando moda no Brasil, mas foi pouco aceito lá fora), ela só conseguiu ficar entre as semifinalistas do concurso de *Miss Universo* daquele ano, mas tinha tudo para ganhar.

De vez em quando, dava de descer a rua e seguir em direção ao Colégio Estadual, onde estudava, e nessas passava em frente à minha casa. Diariamente, toda a garotada da minha idade, lá pelos seus 14 ou 15 anos, postava-se no muro ao lado de casa, no começo da tarde, para ver Ângela passar. Todos os garotos do bairro se apaixonaram por ela.

Herson era, na época, ruim de bola, mas jogava conosco. Hoje, tem um filho que vai dar o que falar no futebol, Lucas, de oito anos. O sobrinho treina atualmente numa escolinha com o filho de Pedro Bial, o apresentador da Globo. É dono de um estilo muito parecido com o de Roger, ex-Corinthians. Não será surpresa se chegar um dia à Seleção.

Não durei muito no Coxa. Talvez nem um ano, não me lembro direito. Excursionei com o time, fui titular em um torneio em Itajaí, Santa Catarina. De repente, como todo botafoguense que se preze, achei que era intelectual e que aquela não era minha praia. Deixei o clube sem avisar. Nunca mais voltei, a não ser para torcer pelo meu Coxa nos jogos do time.

Chegamos a 68. Madrugador decadente, apaixonado agora muito mais pelo cinema que pelo futebol, decidi conhecer o mundo. Cansado da minha vida de *hippie* em Curitiba – *hippie* fajuto, porque ia regularmente às aulas no Estadual –, decidi pegar um navio e me mandar do País.

Um tio meu, Mauro, irmão de meu pai, outro bancário do Banco do Brasil, tinha livre trânsito no porto de Paranaguá. Podia conseguir um navio para mim. Eu iria como garçom e me largaria por lá. Minha mãe, a essa altura tentando se afirmar como romancista, era repórter do recém-fundado *Jornal da Tarde*, da família Mesquita. Quando soube de meus preparativos, foi a Curitiba para impedir que eu viajasse. Fez o diabo para me convencer.

Já havia escrito *O Analista Disse Não*, romance elogiado na época. Prefácio do crítico literário Sérgio Millet, com quem meu pai insiste até hoje em dizer que ela teve um caso. Fora por causa do estilo dela, presente no romance, que a família Mesquita a convidara para trabalhar no *JT*. Na visita a Curitiba para me buscar, ela me disse que havia uma vaga de repórter do *Estadão* para mim e que eu não podia recusar. A proposta não me animou nem um pouco, mas me convenceu de que ir morar em São Paulo poderia não ser tão ruim assim.

Apresentei-me na redação em 1º de junho de 1968. Minha primeira entrevista foi com a atriz Esmeralda Barros, que fazia relativo sucesso na Europa, de onde tinha voltado para passar férias no Brasil. O texto ficara horroroso, mas Figa (Eduardo Godói Figueiredo), o então editor de Artes, gostou e o publicou na íntegra. Naquela hora, achei que já era jornalista feito e que sabia tudo do ofício. Demorou muito para sair outro texto meu na íntegra. “Tá uma merda”, dizia Figa. Amassava as laudas e jogava no lixo, sem olhar para mim. “Faça de novo”, completava, o que não me ofendia. Na minha cabeça, passava que aquilo era verdadeiro jornalismo.

De repente, por um motivo qualquer, a seção de Esportes do *Estadão* precisou de repórteres. Fui chamado para cobrir o buraco. O editor era Lundenbergue Teixeira de Góes, ou só Góes, a fera. Não chegava a jogar meus textos no lixo, mas repetia Figa: “Tá uma merda. Você pode fazer melhor”.

Graças a esse tratamento de choque – decorrente também, vim a saber depois, do fato de eu ter sido posto no jornal por indicação da família Mesquita, pela ação de minha mãe –, aprendi a escrever. Foram Figa, Góes e toda aquela turma com quem iniciei no jornalismo – Luiz Carlos de Oliveira Ramos, Clóvis Rossi, Ricardo Kotscho, Raul Martins Bastos, Darci Higobassi, Ney Craveiro, Teixeira Heizer, Paulo Stein, Roberto Avallone, Vital Bataglia, Michel Laurence, Orlando Duarte, Flávio e Mário Iório Aduato e José Maria de Aquino – que me ensinaram a fazer jornal. A ser um cronista esportivo.

Tomei gosto pela coisa, principalmente depois que vim a saber: Hemingway também começara a carreira como jornalista e, mais, como comentarista esportivo apaixonado por boxe. Nem precisaria dizer que me apaixonei também pelo pugilismo. Acompanhei depois, como setorista, todo o final de carreira de Éder Jofre e a ascensão e queda de pugilistas como Miguel de Oliveira, João Henrique e Servílio de Oliveira, por quem torci muito.

Seguiram-se anos cobrindo, principalmente, o esporte amador: golfe, hipismo, pólo a cavalo, iatismo, atletismo, basquete, vôlei, além do boxe, eram comigo mesmo. A nataçãõ também. Lembro-me de ter feito a cobertura de um Campeonato Brasileiro disputado em São João da Boa Vista, cidade do interior paulista. Eu à beira da piscina, uma jovem repórter se aproxima, apresenta-se e pede explicações sobre a modalidade. Era Marília Gabriela, em início de carreira, já como repórter de tevê. Cheguei a cobrir também o Campeonato Mundial de Basquete de 74, em Porto Rico, e ainda alguns Grandes Prêmios de Fórmula 1 na Europa, em 75.

Meu começo mesmo no futebol foi, entretanto, primeiro cobrindo a Portuguesa de Desportos, então com jogadores do porte de Leivinha e Ivair, e depois o Palmeiras. Na mesma época, fui setorista da Federação Paulista de Futebol. O presidente era João Mendonça Falcão. Também cobri algumas vezes (raras) o Corinthians, de responsabilidade do repórter Miltoninho (Milton José de Oliveira), e o São Paulo, de Paulo Moledo de Aquino, recentemente falecido, irmão de José Maria de Aquino, o Zé Maria.

Volta e meia, na falta de setorista, eu era destacado para acompanhar a Seleção. Como aconteceu em meados de 77, quando o treinador era Osvaldo Brandão, técnico também do Corinthians na conquista do título do IV Centenário de São Paulo. Recordo-me de comentário que fiz criticando Brandão por não saber armar um time que atuasse em função do melhor jogador brasileiro da época, o gaúcho Falcão, então preterido pelo técnico.

Conheci pessoalmente Falcão, o jogador, em 76, ele no começo da carreira, eu já comentarista esportivo sambado de guerra. Fui incumbido de cobrir a final do Campeonato Brasileiro daquele ano, no Beira-Rio: 2 a 0 para o Internacional em cima do Corinthians, gols de Dadá Maravilha, de cabeça, e Valdomiro, de falta.

Durante o jogo, fiquei atrás do gol, inicialmente do Corinthians. Vi aquela bola vinda da cabeçada de Dadá balançar a rede do meu Coringão quase na minha cara. O Internacional levantou o título naquele dia com o melhor meio-campo do mundo na época: Caçapava, Batista e Falcão.

O técnico, Rubens Minelli, que entende muito de futebol, adotava o *Carrossel Holandês* e ganhara notoriedade no comando do Internacional. Depois, dirigiu o Palmeiras e o São Paulo, com o qual ganharia outro Brasileirão mais tarde, nos pênaltis, numa final dramática contra o Atlético Mineiro no Mineirão. Eu e Vital Bataglia queríamos uma boa entrevista com Minelli, antes da final do Brasileirão de 76. Ele nos levou, então, a uma churrascaria em Porto Alegre, onde passamos umas boas horas comendo testículos de galo no espeto, regado a chope bem tirado.

Às vésperas daquela final no Beira-Rio, fiz também uma longa entrevista com Falcão. Depois, caprichei no texto. Abria dizendo que Falcão era uma síntese de Cruyff e Beckenbauer, as duas estrelas do Mundial de 74, ganho pela Alemanha. Deixava claro que, por isso, o jogador gaúcho deveria ser chamado para a Seleção. Até hoje sustento a opinião. Minha experiência no futebol levou-me a estabelecer um novo conceito de craque, que um dia ainda será aceito pela humanidade: é aquele que, polivalente, com bom domínio de bola, está em todos os lugares do campo, seja na destruição, na armação ou fazendo gols, e que é ao mesmo tempo imprescindível para o time, como está se tornando, por exemplo, Kaká.

Falcão era um deles. Na minha opinião, como já disse, o melhor jogador do mundo em todos os tempos. Um jogador completo. E incansável. Não o rei dos malabares, como Ronaldinho Gaúcho ou Pelé, mas muito mais útil para seu time que ambos. Voltei a ver Falcão muitos anos depois, em 96, em Miami. Ele acompanhava a Seleção nos Jogos Olímpicos, já como comentarista da TV Globo.

Dei uma carona para ele e alguns cronistas até o hotel e, no caminho, ele me confessou que aquela matéria havia feito mal para a carreira dele. Deixara no Internacional a impressão de que havia ficado mascarado. Pode ser que o clube tenha ficado com bronca porque a matéria, com certeza, acabou valorizando o passe do jogador, numa eventual e futura renovação de contrato, o que teria levado a diretoria do Internacional a torcer o nariz.

Tenho sentido que o Falcão técnico e comentarista esportivo até hoje não se deu conta da importância de seu futebol, que ainda não acordou para a realidade do futebol-força, fundamental no futebol moderno. Talvez porque o futebol-força tenha sido tão execrado na sua época de jogador e craque. Ou porque ele fracassou como técnico em 90, quando chamado para fazer “aquela” limpeza tão necessária à Seleção da época, após o fiasco de Sebastião Lazaroni na Copa da Itália.

Tudo aquilo que foi como jogador – a síntese perfeita do futebol-arte e do futebol-força – Falcão não soube aplicar na Seleção que montou em 90. Como comentarista da Globo, também demonstra não ter muita consciência do que ele mesmo representou para o futebol nem do que se faz necessário hoje para tirar nosso futebol da situação falimentar e desesperadora em que se encontra. É fato: Falcão não tem noção de que foi o maior jogador de todos os tempos.

Foi nessa época de seção de esportes do *Estadão* que passei a entender de futebol. Aprendi o que é esse esporte dentro das quatro linhas e fora delas, bem como a lidar com o jogador. Aqueles anos todos de cobertura diária nos clubes me ensinaram não só a escrever sobre, mas a falar de esquemas táticos, a farejar quem sabe e quem não sabe jogar. E, principalmente, a entender o ser humano dentro de cada jogador. Fui tão fundo que, quando abri os olhos, estava fazendo surubas com prostitutas, jogadores e colegas de outros jornais que cobriam os mesmos clubes que eu.

Uma vez, éramos sete, entre jogadores famosos e jornalistas de esporte, acompanhados cada um de sua prostituta numa quitinete do Copan, uma das obras-primas de Oscar Niemeyer, no centro de São Paulo. Um rebu em cima de lençóis sujos estendidos no chão do minúsculo apartamento, onde morava um repórter de esporte. Lençóis suficientes só para a gente se deitar em cima, não para se cobrir.

Iniciamos um embalo, eu e minha companheira, uma linda morena de coxas grossas, mas não deu. Puxei-a logo pelo braço e nos fechamos no banheiro. Amamo-nos no chão, ao lado do vaso sanitário. E então aconteceu algo para mim inesperado. Percebi que ela havia gostado de mim. Assim que entramos no banheiro, ela acendeu um *Minister*, puxou forte a fumaça para o cigarro não apagar e o deitou aceso na beirada da pia.

Iniciamos o ritual no chão. Na época, camisinha era coisa chata, tirava o prazer. Não havia a aids, mas a sífilis e a gonorréia, da qual toda a minha geração viria a ter saudades. A jovem se entregou por completo, sem pensar em proteção. Como poucas vezes vi. Eu também. De repente,

suada, prestes a se satisfazer, parou tudo. Virou-se de quatro e me pediu que eu entrasse e passasse a lhe queimar com a ponta do cigarro o bumbum, que descobri depois todo marcado por pequenas cicatrizes de queimaduras. Só saímos dali quando começou aquela bateção na porta. Havia chegado a hora de o pessoal se lavar.

Guardo tudo aquilo na memória como uma intensa noite de amor. Ireni, seu nome de guerra, acabou se apaixonando por mim. E eu, de certa forma, por ela. Era do interior de São Paulo, havia perdido o marido decapitado pelo trem. Traficante de droga, um dia fora encontrado na linha, a cabeça a alguns metros de distância do corpo. Vivemos um pouco mais de um ano juntos. Até que começamos a brigar muito e cada um foi depois para seu lado.

Ireni foi uma das primeiras pessoas a cruzar o Elevado Costa e Silva, o Minhocão, então recém-inaugurado. Num táxi. Justamente nesse dia, o carro capotou no Elevado. O motorista do táxi era um português. Levou-a machucada para o hospital, tratou dela e casou-se com ela. De vez em quando, ligava, dizendo que tinha saudades, mas gostava dele. E que não podia falar muito porque ele a assustava com seu ciúme doido.

Outra foi quando cobri aquela final do Campeonato Brasileiro de 76, em Porto Alegre. Eu, já casado, tinha minha filha mais velha, Caroline, então com um ano. Estávamos ali eu, um jornalista famoso e duas lindas prostitutas gaúchas que conhecemos por sugestão dos jogadores do Internacional.

Chegamos a trocar de mulher a certa altura, mas de novo não deu. Não havia clima. Num determinado momento, cada um foi para o seu quarto e as coisas se arrumaram. Outra aventura que guardo na memória como uma doce noite de amor. Era bem casado. Amava minha mulher, mas precisava amar mais e ser mais amado ainda. Novamente, um desfecho emocionante. Choramos quando nos despedimos em Porto Alegre.

Conto tudo isso para mostrar até onde fui no futebol. Dá para ver que fui mesmo fundo. Naquelas minhas andanças, cheguei a ser expulso do Palmeiras (em 69), pelas críticas que andei fazendo ao trabalho do então diretor de futebol José Gimenez Lopes, que já havia proibido a entrada de outros jornalistas no clube. Nessa mesma época, passei a cobrir a Federação Paulista de Futebol (FPF), do presidente João Mendonça Falcão. Foi na FPF que vivi um dos pontos altos de minha carreira de comentarista esportivo.

Eram tempos de Vital Bataglia e José Maria de Aquino, o Zé Maria, as feras do velho JT, época em que o jornal batia um bolão, derrubava técnicos e dirigentes, escalava jogadores, pintava e bordava. Na época, eu era obrigado a fazer também minhas pautas particulares, além das que recebia da redação. Afinal, nunca é fácil cobrir diariamente um clube e extrair dele, todos os dias, matérias consistentes. E eu conseguia.

Andava feito rato pela Federação Paulista, à caça de notícias. Um dia, mais precisamente, a 10 de janeiro de 1969, passei em frente a uma porta, no terceiro andar (era a sala de reuniões da FPF), e ouvi Paulo Machado de Carvalho, o eterno diretor de futebol e comandante da Seleção, praguejando e conspirando em reunião contra João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a CBF da época.

Subi à sala de imprensa e chamei meu colega de JT, o também novato, na época, Roberto Avallone (eu tinha apenas sete meses de jornalismo, quem acreditaria em mim no jornal?). Fizemos a matéria juntos, ouvindo tudo do lado de fora, enquanto na sala de imprensa, andares acima, jornalistas comemoravam um aniversário qualquer, se não me engano da própria FPF. A matéria foi manchete da seção de Esportes no dia seguinte, 11 de janeiro, tanto no Estadão quanto no JT.

Naquela mesma noite, Paulo Machado de Carvalho – no ar, ao vivo, pela TV Record, que era de sua propriedade –, pedia demissão da Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena) e deixaria

para sempre o futebol, depois de dois sucessos monumentais (os títulos de 58 e 62) e um rotundo fracasso, o de 66.

Apressadamente, João Havelange chamaria Antônio do Passo para o lugar de Paulo Machado de Carvalho e convocaria o então célebre e popular comentarista esportivo João Saldanha para ser o novo técnico da Seleção.

Em plena repressão política, o comunista, intelectual e botafoguense João Saldanha, campeão carioca como técnico do time em 57, era escolhido para dar novos ares à Seleção. Já na coletiva para apresentar o novo técnico, surpreendendo o próprio Havelange e Antônio do Passo, Saldanha tirou um pedaço de papel do bolso e leu para todos os jornalistas presentes: “Querida dizer que já escalei meus times para a Copa do Mundo (de 70). O titular e o reserva. O titular é formado por Félix, Carlos Alberto, Djalma Dias, Brito, Rildo, Wilson Piazza, Gérson, Jairzinho, Dirceu Lopes, Pelé e Tostão. Os 11 reservas: Cláudio, Zé Maria, Scalla, Joel, Everaldo, Clodoaldo, Paulo César, Paulo Borges, Toninho, Rivelino e Edu.”

João Saldanha sabia muito bem como era o futebol brasileiro. Diálogo ocorrido naquela hora entre Antônio do Passo e ele, durante a primeira entrevista coletiva do técnico:

Antônio do Passo – Você não deveria ter feito isso, dar os nomes antes de consultar a gente.

Saldanha – Não ia fazer diferença, Passo. Mesmo que vocês não gostassem, estes iam ser os meus 22 jogadores. A partir de agora, quem escala o time sou eu.

Poucos meses antes da Copa, Saldanha, então perseguido pela ditadura militar, acabaria sendo demitido. Para o lugar dele chamariam Zagallo, que acabou se tornando campeão do mundo depois com as “Feras de Saldanha”. Será que o Brasil teria ganhado a Copa de 70 se não tivéssemos derrubado, eu e Roberto Avallone, o velho marechal, Paulo Machado de Carvalho, da Cosena? Até hoje, me pergunto se não fomos, eu e Avallone, os verdadeiros criadores das “Feras de Saldanha”, da “Era Zagallo” e, por tabela, da “Era Parreira-Zagallo”. Acho que o Brasil vai ter de nos engolir e nos agüentar por isso. Nunca estive depois com Saldanha, fiz algumas entrevistas com Pelé, mas jamais pude conversar com eles sobre isso.

Um dia desses, procurava no dicionário a tradução para as frases que dizia em latim como coroinha na igreja das Missas de domingo no internato no Paraná, quando descobri que meu primeiro nome, Everton (Capri Freire), que sempre imaginei estar diretamente relacionado com o futebol, é uma palavra latina. Quem o escolheu foi minha mãe, após vasculhar uma lista de nomes dos funcionários do Banco do Brasil, levada para casa por meu pai durante a gravidez.

Everton é o nome de um clube inglês de Liverpool e de outro chileno, que nem sei se existe mais. Rival do Liverpool, com quem faz um dos clássicos mais antigos do futebol (desde 1892), o Everton, fundado em 1872 e hoje com nove títulos do Campeonato Inglês, era o time de coração dos quatro Beatles, John, Paul, George e Ringo.

Fui fã dos Beatles, tive todos os discos deles em vinil. E mais ainda de John Lennon, que gostava de jogar bola, e até escrevi um ensaio sobre o forte envolvimento dele com a esquerda americana. Publiquei esse ensaio em 2001, em meu livro *Terra em Trânsito*, sob o título “Estaria John Lennon Vivo, Hoje?”. Nele, mostro que havia motivos mais do que suficientes e concretos para a Agência Central de Inteligência americana (CIA) ter-se envolvido no atentado que o matou. E que Lennon não viveria ainda por muito mais tempo, caso não tivesse sido assassinado por Mark Chapman em 8 de dezembro de 80.

No latim, a palavra *Éverto* significa virar, tombar, revolver. Pode ser usada, também, quando associada a outra, no sentido de destruir, assolar, arruinar, perturbar (meu pai, que também

é autodidata de português, registrou meu nome como no latim, Éverton, com acento agudo no primeiro “e”, o qual nunca uso, e acrescentou também o “n” no final).

Como se pode ver, aos 57 anos (2006), já bastante surrado pelo jornalismo, estou devidamente credenciado para espremer na parede essa molecada que começa hoje na crônica esportiva. E também para exigir dignidade daqueles que já conhecem o caminho das pedras, mas decepcionaram muito na sua cobertura da Copa da Alemanha, a mais pífia de toda a história dos Mundiais. Vamos a isso, então. À análise da participação e atuação de nossa mídia na Copa de 2006 e à desconstrução de todo o futebol brasileiro, o que passa necessariamente pela medíocre apresentação de nossa Seleção no Mundial da Alemanha.

Texto biográfico 2

A passagem pela América e a cidadania estadunidense

Minha história comprova que não sou anticapitalista. Com 14 anos, já ia muito ao cinema, quando me apaixonei por Marilyn Monroe, justamente alguns meses antes de ela morrer, no começo dos anos 60. Matei a aula naquela manhã para chorar sozinho no estádio de futebol do Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, onde estudava. Àquela altura, eu já estava programado para viajar no consumo, faltava saber como ia levantar a grana para tanto. Depois, apaixonei-me pela natação e pelo futebol. No futebol, cheguei a ser titular do infante-juvenil do Coritiba, nos anos 60. Na natação, conquistei algumas medalhas, principalmente no nado de peito. Do cinema, continuei amante também, como sou até hoje.

Anos depois, enveredei pelo teatro como produtor, diretor, autor e ator. Virei também jornalista: 14 anos no matutino *O Estado de S. Paulo*, em várias seções, hoje cadernos, ou como enviado especial, algumas vezes à Europa, Estados Unidos e América Latina. Por fim, formei-me sociólogo, com mestrado em ciências sociais.

Consegui a cidadania americana por conta dos quase dez anos vividos em Nova York, São Francisco e Miami, nos anos 90, banido que fui pelo Plano Collor. Tenho quatro livros publicados (cinco com este), alguns roteiros para o cinema, até hoje não aproveitados, e mais de dez peças teatrais. Apesar de me reconhecer como dramaturgo medíocre, tenho um texto premiado com o Mambembe de Autor Revelação de 1983 (do Ministério de Educação e Cultura – MEC): Grande Motel, que eu mesmo escrevi, produzi e dirigi. Foi a montagem de texto nacional de maior sucesso de bilheteria da primeira metade dos anos 80. Eis-me, capitalista de sucesso.

Não sei quantas mulheres, seis casamentos ao todo, dois de papel passado, ambos terminados em divórcio e com pensão, uma em real, outra em dólar. Quatro filhos, o mundo visitado e revisitado, tenho todos os bens de consumo mais procurados, como carro, apartamento etc. Financeiramente, levo. E estou hoje mais do que conformado com minhas frustrações: nasci tarde demais para conhecer e desfrutar da companhia de Marilyn Monroe em vida e já estou velho demais para conhecer e desfrutar da companhia de Scarlett Johansson, a nova deusa do cinema. Inclusive, esta é a razão da inveja que tenho de Woody Allen: além de ele estar sempre ao lado de Scarlett, não consegui ser um cineasta, muito menos do nível dele.

Nos dez anos de Estados Unidos, para onde acorri em 1992, fui de tudo um pouco: recepcionista de hotel e entregador de jornal no Vale do Silício, Califórnia; guia turístico em Nova York (levava turistas quase todos os dias para o último andar das extintas Torres Gêmeas); motorista de táxi em New Jersey e de limusine em Manhattan. Fui também vendedor (não cambista) de ingressos de musicais da Broadway; entregador de pizza por alguns dias em New Jersey; consultor e assessor de imprensa de uma montadora e revendedora de computador em Miami; editor do Florida Review, jornal em língua portuguesa, e depois dono de jornal também em língua portuguesa (Feijão c/ Arroz), ambos em Miami; e, por fim, de volta a Nova York em 1999, 2000 e 2001, trabalhei como repórter e apresentador da Bloomberg Television.

A Bloomberg tem uma unidade em Princeton, cidade onde está a célebre universidade em que Einstein lecionou (pós-graduação) e chegou a muitos de seus achados. Sempre que podia, mesmo antes dos tempos de Bloomberg, eu ia a Princeton e fazia questão de parar em frente à casa onde morou o cientista, no 112 da Rua Mercer, a mais ou menos um quilômetro da universidade. Os parentes que me visitaram em Nova York foram todos levados a Princeton e fotografados na frente da casa de Einstein, que não parecia ser mais a mesma: deve ter sido demolida e substituída por outra, mais moderna.

Assim, lá se vão décadas de exacerbado consumo e em que fui muito consumido também. As delícias do capitalismo experimentadas e vividas intensamente. Graças ao capital, pude privar da companhia, ao longo de todos esses anos, do cinema americano, ainda o melhor do mundo, do teatro, da Broadway, da literatura, do futebol, de gente como Che Guevara, George Gershwin, Cole Porter, Camille Claudel, Federico Fellini, Billy Wilder, Michelangelo Antonioni, John Lennon, Chaplin, Tom Jobim, e tantos outros de uma lista interminável que não teria existido se não houvesse o capitalismo.

Se pudesse voltar ao passado e recomeçar minha vida, faria tudo de novo. Não tenho do que me queixar. Portanto, sou filho do capitalismo, ainda que possa ser um filho ingrato. Nem por isso vou deixar de enxergá-lo criticamente. E ele é exatamente tudo isso que levantei aqui, o que é preciso repetir sempre, não para tornar verdade, mas para que essa verdade absoluta a respeito dele chegue finalmente às consciências e possa levar a humanidade à sua superação.

Ao mesmo tempo em que possibilitou avanços jamais vividos pelo ser humano, o capitalismo trouxe também, por conta dessa sua crônica irracionalidade, genocídios sem precedentes, doenças terríveis, a dor da infelicidade, a depressão e a síndrome do pânico, enfim, muita destruição ao planeta Gaia. E entra agora nessa fase perigosa de esgotamento, se é que já não se esgotou, em que forças conservadoras – o que o capital tem de pior – farão tudo para fugir do apocalipse e lhe garantir uma apreciável sobrevida, principalmente por estar ele em franca decadência.

Como o capital tem muito fôlego ainda, é possível que Gaia – ou melhor, a vida que ainda resta em nosso planeta – sucumba antes do próprio capitalismo. Nesse entretempo, teremos de nos habituar com os restolhos e escombros, que tornarão a vida por aqui ainda mais insuportável.

Por isso, irrito-me muito com a falta de visão e conhecimento dos cientistas modernos, e também de toda a mídia especializada em ciência, hoje meros objetos a serviço do capital. Outro sábado (3/2/2007), o jornal O Estado de S. Paulo publicou quatro páginas (da A25 à A28) em sua seção Vida& a respeito dos terríveis efeitos do aquecimento da Terra. Os artigos eram assinados por Cristina Amorim, Andrei Netto (especial de Paris) e Lígia Formenti (de Brasília), com colaboração da AFP. A conclusão – “o homem é responsável pelo efeito estufa” – é a mesma a que tem chegado toda a mídia mundial. Nunca o capital aparece como o verdadeiro pai da criança.

Mas, perguntará você, não é o capital o próprio homem? Sim, é. É o homem que produz e reproduz o capital, ainda que sob condições que não determina nem escolhe. Na verdade, o capital

é esse homem de hoje, dividido em classes, em que um expropria mais-valia de outro em proveito próprio e, que por conta dessa violência e irracionalidade, está pondo tudo a perder em Gaia.

Ademais, já vimos aqui “ad nauseam”, não dá para ser “anti”capitalista, até porque é um enorme contra-senso. Para ser “antialguma coisa”, é preciso, antes, que esta coisa se permita isso. E o capitalismo, por premissa, não se permite tal disparate. Em certo sentido, não dá para ser contra o capitalismo, já sabemos, da mesma forma que não dá para ser, por exemplo, contra o crescimento de uma criança, o brilho do Sol ou, ainda, o amadurecimento de uma fruta. Só dá para ser anticapitalista se você tomar a vida sob o capital, equivocadamente, como modelo e, em seguida, passar a combatê-lo, dizendo que não deseja vê-lo implantado em nenhum lugar do planeta, por ser contra.

Ora, o capitalismo não é modelo aplicável, já vimos. O capitalismo simplesmente “é”. Ou seja, é algo que aconteceu inevitavelmente. Não é modelo teórico, sistema de valor nem doutrina a ser posta em prática a nosso bel-prazer, pela vontade humana – daí que não adianta voltar-se contra ele, a não ser com inteligência e sabedoria, ciente do que de fato se trata.

Os cientistas modernos, a mídia especializada em ciência e o homem comum não conseguem enxergar as coisas assim, já vimos. Têm uma noção estreita, bastante equivocada, do capitalismo e de todo modo de produção. Achrom que capitalismo, socialismo, comunismo ou qualquer modo de produção são crias do imaginário do cientista ou do filósofo, isto é, meros pontos de vista abstratos que podem ser aplicados como modelo em qualquer realidade. Errado. O capitalismo não é nada disso. Podemos até ser anticapitalistas, mas isto não tem, na imediaticidade, grande efeito prático e alcance significativo.

Mas, se o capitalismo apenas “é”, é o quê? É uma situação, ou melhor, um processo, uma forma de produção e trabalho que se manifestou e ganhou vida casualmente em sociedade, pela qual uma classe de homens enveredou e nela apostou, sem ter consciência, à época, do que realmente se tratava. É um modo específico e peculiar de produção e trabalho que, por força da ação humana, tem também seu tempo de vida (que pode ser acelerado ou retardado) e que, por ser irracional na base, já começa a dar sinais de declínio, para um dia desaparecer, como ocorre com tudo, do ser vivo ao mais simples objeto.

É verdade, o processo pelo qual um modo de produção desponta e se afirma – e o capitalismo não é exceção – também pode ser abortado em qualquer de suas fases, mas na maioria das vezes à custa de muito sacrifício e derramamento de sangue, especialmente quando está no seu apogeu. É o que aconteceu durante a Revolução Francesa, quando a burguesia se uniu aos trabalhadores para destituir a nobreza decadente (a monarquia) e pôr fim ao feudalismo na França.

Só que, no momento seguinte, a mesma burguesia, já vitoriosa, entrou em conflito com aqueles que haviam sido até então seus maiores aliados, os trabalhadores, também vitoriosos, dando início a um período de terror, em que milhares de cabeças rolaram, decepidas pela guilhotina. Esse período de libertação e ascensão da burguesia foi o mais sanguinário da história da França.

Napoleão pôs um fim a ele, ao conduzir finalmente a burguesia, que ele representava, ao poder. Em seguida, autoproclamou-se imperador, tornando irreversível o domínio e a hegemonia da burguesia na França. Era o capitalismo impondo-se pela primeira vez no planeta como modo de produção dominante, sob o olhar assustado de todas as demais monarquias.

Como se pode ver, é impossível deletar ou apagar um modo de produção por mera vontade ou torcida, da mesma forma que não é nada fácil impor o capitalismo, como fórmula de sucesso, a outra formação social. Não se trata, já vimos, de uma situação que se elege, acolhe e que se pode impor a bel-prazer, como se fosse um time de futebol para o qual se torce. Como é possível mover as peças do capitalismo e mudá-las de rumo pela nossa vontade, se ele é apenas um modo de

produzir e trabalhar pelo qual o homem enveredou casualmente, nele se viciou e a ele se condicionou por força das circunstâncias?

Daí que não dá para fugir da vida capitalista, como imagina a maioria dos cientistas modernos, nem mesmo se você for morar numa ilha deserta ou numa comunidade hippie nos moldes dos anos 60. Aqui está outra missão impossível, principalmente para a ciência, da mesma forma que a fruta, depois que nasce, não tem como tolher seu próprio amadurecimento nem a criança tem como impedir seu próprio crescimento, a não ser que se mate.

Para Einstein, “a mente que se abre a uma nova idéia jamais volta a seu tamanho original”. Dá para dizer o mesmo do capital: uma vez tomado o caminho do capitalismo, o homem jamais volta a seu tamanho original. Pode, sim, interferir no processo, acelerá-lo ou retardá-lo, e até liquidá-lo, mais cedo ou mais tarde, como já vimos, mas jamais conseguirá fazer que, depois dele, a humanidade volte a seu tamanho original.

Quando as feiras floresceram na Idade Média, nascendo daí os burgos que acabaram dando origem a cidades como Paris, estava lançada a sorte do capital e das sociedades que vieram depois e passaram a ser regidas por ele. A partir de então, estava escrito (a tendência de que falei): o homem medieval, que tinha direito a parte de sua colheita e conseguia comercializá-la nas feiras, bem como trocar nelas seus produtos artesanais, só podia prosperar e vir a se tornar o primeiro homem-capitalista. E, em prosperando, formar a nova classe que um dia seria dominante, a burguesia.

Assim, por ser conflito de classes assentado na usurpação de trabalho alheio (mais-valia), o que é claramente, já vimos, irracionalidade e violência, o capitalismo contém – já previra Marx em *A Ideologia Alemã* – o germe de sua própria destruição, uma vez que enseja uma contradição que, como todas, também tende a se resolver.

A própria base do capitalismo (e, portanto, do lucro) – a expropriação de trabalho alheio, sempre é bom repetir – é a verdadeira semente da destruição do capital, da mesma forma que a sociedade escravista, por conta da violência que era o trabalho escravo, continha também o embrião de seu próprio aniquilamento. Tal evidência não nos permite afirmar, entretanto, que o capitalismo já chegou ao fim e que, por tropeçar nas próprias pernas, com certeza vai acabar um dia. Já vimos que a humanidade pode desaparecer antes. Portanto, por mais que se tenha esgotado, o capitalismo ainda não é um moribundo no bico do corvo. Pelo contrário, mal saiu da adolescência e só agora, que se globalizou, começa a enfrentar os problemas mais graves da fase adulta.

Por exemplo, precisa demais de um único Estado que seja guardião, vigie e azeite a máquina capitalista em todo o mundo, não só em um país. Precisa de uma religião mundial que conforte e anestesia todo o planeta (e não apenas um povo). Precisa de uma língua universal para que todos se entendam no mundo do capital e se comuniquem mais facilmente. E, por fim, precisa de uma única moeda, que por enquanto é o dólar, mas que, dizem economistas como Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central, pode vir a perder força e ser substituído como reserva de valor internacional. E a ciência moderna, a do capital, engessada como está, ainda não sabe de que cartola tirar esses coelhos tão necessários ao amadurecimento e assentamento do capital globalizado.

Evidentemente, não é o melhor caminho deixar que o capitalismo envelheça em paz e venha a morrer de morte natural. Se de um lado não há muito que fazer, de outro, não dá para ficar de braços cruzados, dado que é a vida no planeta que está em jogo. A única saída possível, no presente momento, é acelerar essa morte anunciada do capital, mas com racionalidade. Ou seja, sem trazer mais destruição e sofrimento. Evitando também que isto venha a pôr ainda mais em risco a vida no planeta, pois aí o remédio, embora em doses suficientes, poderá acabar por matar o paciente.

A ciência já está se incumbindo disso, indiretamente, ao nos brindar diariamente com descobertas que tanto fascinam os cientistas e levam o consumidor ao delírio. A cada dia, um novo

invento surge e retira mais dos já contados dias de vida do capital. A razão está com a faca e o queijo na mão para poder chegar a esse momento mágico de avanço tecnológico em que os homens não precisarão mais estar divididos em classes. É quando tudo poderá estar ao alcance de todos, não ser privilégio de uma única classe, ao que só chegaremos se a humanidade não perecer até lá.

Veja o fim que estão tendo as gravadoras de CDs, como a britânica EMI, que não suportou a “concorrência desleal” da pirataria e da Internet e baqueou. Aqui está um exemplo de como o avanço tecnológico é um dos germes que o capitalismo traz consigo e que irão ajudar a levá-lo, mais cedo ou mais tarde, à própria destruição.

Já vimos que as invenções, ainda que tragam a destruição do meio ambiente e da vida, são responsáveis também pelo progresso. Portanto, tornam a vida mais fácil para o homem, na dureza que é viver sob o capital, até chegar o dia em que os avanços, ou melhor, os inventos acabarão de vez com o próprio capitalismo, o que, vale alertar novamente, não está nem próximo de acontecer.

Não podemos hesitar nem vacilar, porque a humanidade corre sérios riscos de cair antes no abismo e dali não sair mais. Essa, de dar fôlego ao capital, para que possa estimular a ciência a trazer cada vez mais novos inventos, é com certeza uma das maneiras de, com racionalidade, apressar o fim da vida capitalista. Outra é impedir que o capital continue destruindo riquezas e recursos naturais com bobagens, como tem feito exageradamente a ciência oficial, nos últimos séculos.

Por exemplo, é chegada a hora de parar de sonhar com viagens tripuladas pelo homem para chegar a outros planetas, pois já vimos que a inteligência artificial poderá substituí-lo muito bem, se não melhor, e obter resultados ainda mais satisfatórios, a um custo menor. E mais: alguém precisa apertar o botão que paralisa, como estátua, aquele cientista que ainda busca pelo princípio de tudo, porque, já vimos, não há princípio de tudo. Não dá mais para aceitar, ainda, que a humanidade continue destruindo recursos naturais na fabricação de armas que podem levar à hecatombe universal. Basta!

Há também que coibir os embustes nos quais o capital tem sido igualmente exemplar. Já gastamos muita energia e recursos naturais, principalmente celulose (papel), para tentar provar que Jesus realmente existiu, comia Maria Madalena e era negro. Ou que Da Vinci era uma bichona insensata e caricata. Mesmo que não tenha existido ou tenha sido negro e transado todos os dias com Maria Madalena, Jesus é um dado cultural de extrema relevância para a humanidade e, portanto, real. Isto é, já fez o estrago que tinha de fazer. O mesmo podemos dizer de Da Vinci, outro cientista do Renascimento, portanto, da vida capitalista que então começava a florescer.

O capital também gasta outro tanto de energia, dezenas de bilhões de dólares e um rio de recursos naturais em um sem-número de programas idiotas que só nos envergonham, como o Guerra nas Estrelas, antimíssil, aqui já abordado, ou nessa busca obsessiva por óvnis e extraterrestres. Se existirem ETs, Steven Spielberg já provou que são inofensivos. E estão tão distantes que vai ficar muito caro achá-los, ou seja, não compensa. É verdade, essa primeira totalidade celestial aqui proposta, e que precisamos muito conhecer, pode ser um ET, já vimos. Mas desvendá-la é tarefa, talvez, para alguns milênios, o que significa que estamos livres, de imediato, de tais gastos.

Recordemos o Caso Roswell, ou Incidente em Roswell, que aconteceu nesta pequena localidade do Novo México, nos Estados Unidos, em julho de 1947. Correu à boca pequena, na época, que um óvni teria sido derrubado por forças militares dos Estados Unidos e que um alienígena havia sido capturado. O assunto gerou enorme polêmica, porque o governo americano se recusava a prestar esclarecimentos a respeito de seu grande feito.

Até hoje, não se sabe o que realmente aconteceu em Roswell. Mas a maior suspeita é de que os Estados Unidos tenham arquitetado toda a encenação para provar aos soviéticos que já possuíam

tecnologia capaz de derrubar óvnis e capturar extraterrestres. Portanto, estavam preparados, também, para arrasar o primeiro russo que se atrevesse a sobrevoar o espaço aéreo dos Estados Unidos, querendo lançar bombas, o que o valha. Você já se perguntou por que o fenômeno dos óvnis e alienígenas só ganhou relevo durante os anos 40 e 50, em plena guerra fria?

E aí me surge um tal de Dan Brown, com toda essa patacoada d'O Código Da Vinci, querendo mostrar que o cristianismo não passa de uma grande conspiração para provar ao mundo que Jesus foi mesmo o verdadeiro Messias. Segundo seu romance, os apóstolos e verdadeiros fundadores da Igreja Católica teriam reescrito a história de Jesus à sua maneira, à época do imperador Constantino, para assentar as bases do patriarcado, acabar com qualquer vestígio do matriarcado e consolidar a presença do Império Romano no mundo.

O texto de Dan Brown nos revela também que o Santo Graal (o cálice de Cristo) seria, na verdade, Maria Madalena. Que ela e Jesus teriam dado início à linhagem dos merovíngios na Europa e que a jovem prostituta está sepultada hoje na pirâmide do Louvre, em Paris, onde ainda podemos sentir a presença de seu espírito. Mesmo que isso tudo seja verdade, e daí?

Não é preciso explicar por que Dan Brown voltou, com O Código..., à lista dos autores mais vendidos, pelo indicador de The New York Times, o que lhe rendeu inclusive nova fortuna (mais ainda a seu editor, o mesmo que bancou depois um livro do papa Bento XVI, acredite se quiser). Como se não bastasse, vieram na cola de Brown os velhos alfarrabistas de plantão, com compêndios sobre todos os segredos e mistérios do Código Da Vinci. Ah, esses marqueteiros oportunistas! Quanto tempo, dinheiro e riquezas desperdiçados! Como nada é totalmente ruim, o livro de Dan Brown tem o mérito, que por si só justifica a obra, de espinafrar a organização Opus Dei, esse cancro dentro de outro cancro que é a Igreja Católica.

Isso é o capital, que transforma até bobagens em mercadorias, cria em nós o hábito de consumi-las e faz mais capital ainda com elas, sempre usurpando mais-valia. Nessa, vai destruindo progressivamente o meio ambiente, o homem e, sem o saber, a própria estrutura em que está assentado, como escorpião suicida. Melhor é tentar conduzi-lo com rédeas curtas e extrema vigilância, para que deixe de cometer tais barbaridades e possa trazer novos ares ao planeta, ainda que não consiga nunca se libertar desse seu ímpeto ao mesmo tempo criativo e destrutivo-expropriador.

Enfim, melhor mesmo é que o ajudemos a encontrar maneiras de restabelecer, com as inovações que está habituado a fazer, a velha habitabilidade de Gaia. Como? Despertando consciências, estimulando inventos saudáveis e condenando perdas e gastos inúteis. Quer maior desperdício que os gastos com a guerra do Iraque? O problema é que nem os cientistas nem o homem comum sabem como agir para frear o capital.